

# PERSPECTIVAS BÍBLICAS E TEOLÓGICAS DO CUIDADO SOCIOAMBIENTAL: UMA AVALIAÇÃO TEOLÓGICA PRELIMINAR

Tim Carriker



INICIATIVA  
INTER-RELIGIOSA PELAS  
FLORESTAS TROPICAIS

**IRI BRASIL**

***Eis que os céus e os céus dos céus são do Senhor, o Deus de vocês;  
a ele pertencem a terra e tudo o que nela há. – Deuteronômio 10.14***

É fácil se perder nas nuances das diferenças entre as perspectivas religiosas que procuram discursar e agir em relação ao cuidado do meio ambiente. Aqui, vou me deter a falar sobre as perspectivas bíblicas e teológicas do universo cristão, reformado e tradicional (resumido posteriormente como “igrejas históricas”[1]). A seguinte análise se basear na catalogação de publicações deste meio e *não em um levantamento estatístico de participantes destas igrejas*. É importante fazer este destaque pois porque um levantamento estatístico dará um perfil mais verdadeiro do das igrejas históricas uma análise teológica da literatura. Entretanto, a análise teológica inicial ajuda a formular as perguntas que comporá um levantamento estatístico que fica para um momento posterior.

**A análise da literatura será em quatro partes:**

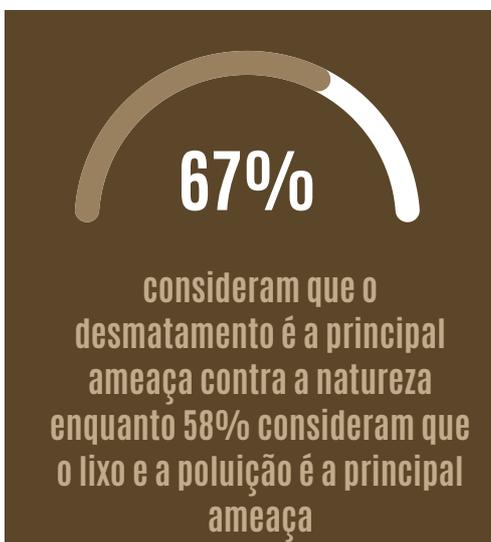
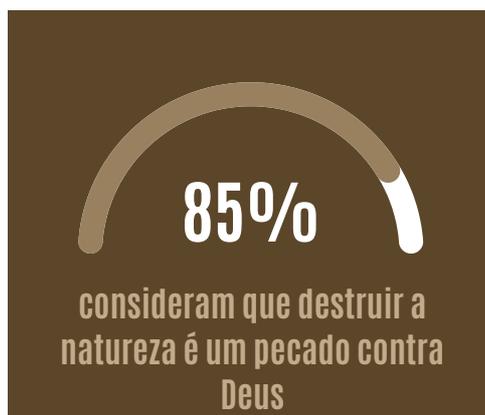
- 1) Resumo pesquisas anteriores
- 2) Identificar na literatura barreiras bíblicas e teológicas das igrejas históricas para o engajamento socioambiental
- 3) Avaliar os principais argumentos bíblicos e teológicos da literatura; e a partir disto
- 4) Propor estratégias preliminares dentro do campo bíblico-teológico para a advocacia do cuidado socioambiental



# RESUMO DE PESQUISAS ANTERIORES

**Idea Big Data.** Destacam-se duas pesquisas de opinião. A pesquisa *Idea Big Data* é especialmente importante por ser recente (setembro de 2020) pela abrangência do levantamento entre os evangélicos (2.000 pessoas) e pela comparação destes dados como similares do mundo católico. O foco da pesquisa foi nas classes C, D, e E.

## Resultados:



**22% aprovam a política ambiental do governo; 51% consideram regular e 25% rejeitam. Especificamente:**

- o 66% são contra a redução da fiscalização do Ibama; 13% a favor
- o 71% são contra acabar com as multas ambientais; 11% a favor
- o 68% são contra acabar com o Fundo Amazônia; 9% a favor
- o 65% são contra acabar com as áreas protegidas e terras indígenas; 9% a favor.



Nesta pesquisa, duas posturas teológicas se destacam: a destruição a natureza é pecado (85%!) e o aquecimento global é uma realidade comprovada pela ciência (73%). A primeira pode ser articulada através de Gn 1–3, especificamente na desobediência (Gn 3.1-6, 14-15) ao mandato criacional (Gn 1.26-28) que inclui o domínio “sobre todos os animais que rastejam pela terra”. A segunda pode ser articulada especificamente no mandato de “taxonomia” (o primeiro passo da ciência) dado à humanidade em Gn 2.19, na proscrição do raciocínio e reflexão explícitos em Rm 12.1-2 e na literatura sapiencial em geral com sua catalogação da natureza (1Rs 4.29-34).

**National Survey on Religion, Values, and Climate Survey.** Esta pesquisa[2] é um pouco mais datada (2014) e sua audiência não brasileira, e sim estadunidense. Devido à herança missionária norte-americana forte das igrejas históricas brasileiras, podemos, com cautela, considerar os resultados desta pesquisa para a nossa reflexão. A pesquisa conseguiu identificar três grupos de acordo com a sua preocupação com as mudanças climáticas. Católicos romanos e as denominações protestantes tradicionais (Metodistas, Presbiterianos, Episcopais e Luteranos) demonstravam alguma ou muita preocupação; os Batistas do Sul e outros evangélicos que se identificam como “conservadores” demonstravam pouca ou nenhuma preocupação, e havia muitas pessoas, principalmente do primeiro grupo, que estavam em algum lugar no meio.

A comparação desta última pesquisa com a anterior levanta um questionamento a respeito dos resultados da primeira pesquisa se fosse distinguir no meio dos entrevistados evangélicos entre os grupos

históricos dos grupos pentecostais e neopentecostais e os movimentos virtuais mais jovens. Assim será possível desenvolver estratégias de comunicação mais apropriadas para cada grupo.

# BARREIRAS BÍBLICO-TEOLÓGICAS *CONTRA*

Na literatura sobre fundamentos bíblicos e teológicos da responsabilidade socioambiental algumas barreiras são mencionadas. Podemos apontar no mundo evangélico de modo geral uma *cosmovisão* efetivamente *dualista* que supervaloriza o espiritual e relativiza a importância do material. Podemos também considerar a herança evangélica revivalista que enfatiza a *dimensão pessoal* e até individual da fé e desconfia de *expressões coletivas*, sociais e estruturais. E estas duas observações são válidas. Mas há duas objeções mais específicas à agenda da responsabilidade socioambiental que vem à tona na literatura e discurso conservador: uma escatológica e outra teológica. A identificação destas duas objeções nos ajuda a propor alternativas e talvez, estratégias, para um engajamento mais abrangente dos cristãos na luta por um mundo mais justo a partir da justiça climática.



**Escatologia.** A crença em um apocalipticismo do “fim dos tempos” que inclui a destruição deste mundo acaba desincentivando a preocupação pelo aquecimento global ou quaisquer outras preocupações ambientais. [3]Alguns replicam que é possível reconciliar a crença na eventual destruição inevitável do planeta com uma preocupação mesmo assim pelo seu cuidado, via a incumbência de boa mordomia dada na criação ao ser humano. Mas a estatística é clara: as opiniões mais conservadoras, que incluem aquelas que preveem teologicamente a destruição do planeta como inevitável são as menos preocupadas pela justiça ambiental.[4]

Tal escatologia apocalíptica, entretanto, não leva em conta nem as múltiplas referências a redenção e a reconciliação desta atual criação toda[1], e nem a linguagem metafórica das poucas referências à destruição.

**Teologia.** Outra objeção dos conservadores ao discurso da justiça socioambiental em geral concerne a percepção de um panteísmo no discurso que consideram pagão. Uma das primeiras vozes no meio evangélico conservador que procurou corrigir esta percepção foi Francis Schaeffer (1970), que argumentou que a humanidade foi criada à imagem de Deus e assim era exaltada de modo único. Também reconheceu os desafios da poluição ambiental, mas negou (contra Lynn White, Jr. 1967) que estes problemas provinham da arrogância e antropocentrismo cristão e afirmou que a incumbência dada por Deus à humanidade era para ter domínio sobre a criação não como um meio de exploração para seu próprio benefício, mas como propriedade exclusiva de Deus.

Esta posição exclusiva do ser humano dentro da criação e a distinção do Criador da criação são repetidas por evangélicos conservadores que desconfiam de panteísmo em qualquer discurso de justiça socioambiental que trata da natureza de qualquer maneira que não seja como objeto. Entretanto, não é necessária uma posição panteísta para afirmar a posição bíblica repetida da personificação da criação e assim, a íntima relação da criação, inclusive como demonstração da própria glória, i.e., presença, de Deus (Sl 19).

Estas são as duas principais *objeções teológicas* àqueles que defendem uma preocupação pela justiça ambiental. E da parte dos últimos que defendem tal preocupação. Quais são seus principais argumentos bíblicos e teológicos e onde estão as possíveis lacunas?

# POSSIBILIDADES BÍBLICO-TEOLÓGICAS *A FAVOR*

Os principais argumentos bíblicos e teológicos são os seguintes:

**Protologia: a teologia da criação.** Este é o argumento mais comum no meio evangélico. Da teologia da criação, especialmente em Gn 1 e 2, as seguintes observações geralmente são feitas: Primeiro, o mundo inteiro foi criado por Deus e a ele pertence (Dt 10.14; Jó 38-39; Sl 24.1-2; 89.11; 104; Ap 4.11). Segundo, a criação, em todas as etapas, é declarada essencialmente boa, aliás, no final, “muito boa” (Gn 1.10, 31; 1Tm 4.4; Ec 3.11). Logo, possui uma estética como bela. Terceiro, a beleza da criação aponta para um vínculo íntimo e até pessoal entre a criação e o Criador, mesmo sendo os dois distintos. Na linguagem dos Salmos, a criação louva, glorifica e demonstra a glória do próprio Criador (Ne 9.6; Sl 19.1-6; 65.9-13; 104; Jó 12.7-10; Is 6:3).

Disto decorrem observações a respeito da natureza de Deus, por um lado distinto do mundo criado (contra o panteísmo, “tudo em Deus, Deus em tudo, Deus limitado ao universo”), mas por outro lado, manifesto em tudo por ele criado (a favor do panenteísmo, “Deus age através do universo sem se limitar ao universo” Rm 1.20). Esta noção da relação íntima de Deus com a sua criação é uma distinção importante para a ação socioambiental porque nega o instinto de que os deveres humanos para com Deus existem somente em um plano vertical, hierárquico e desincorporado. O panenteísmo estimula um foco nos deveres horizontais para Deus como sendo manifestos nos relacionamentos justos com o próximo, especialmente o mais fraco, e o apoio dos ecossistemas entendidos como essenciais não apenas para a vida humana hoje e amanhã, mas, acima de tudo, como componentes materiais de uma liturgia ao próprio Deus. Em termos simples, não se destrói a arte de um artista que se ama. Muito pelo contrário, preza-se, preserva-se e promove-se.

Logo, a protologia nos leva a refletir sobre a teologia própria: a identidade e a natureza de Deus. Também nos leva a refletir sobre a antropologia.

**Antropologia. A natureza e papel da humanidade.** A partir dos primeiros relatos da criação faz-se uma reflexão sobre a humanidade que se destaca como o ápice da criação em Gn 1 e o seu foco em Gn 2, e isto reconhecendo que a principal personagem nas narrativas é o próprio Deus. O papel e a função da humanidade[1] são exaltados dentro da criação (Gn 1.26-28; 2.15; Sl 8.6-8; 115.16; Rm 1.25) e geram um conceito hierárquico um tanto controverso de mordomia, especialmente quando entendido, como historicamente fora o caso especialmente a partir da Reforma Protestante, como licença para exploração. Entretanto, o relato em Gênesis 2 e o uso dos termos “sujeitar” e “dominar” ao longo das Escrituras desqualifica tal entendimento.

A vocação humana é de representante *parceiro* de Deus na preservação, sustentação e “justiça-ficção” da criação toda... inclusive da própria humanidade. Aliás, como se nota frequentemente, a justiça social e a responsabilidade ambiental estão intimamente interligadas. Logo, socioambiental. Não existe uma sem a outra. A palavra mais usada para descrever esta incumbência é “mordomia”. E o desafio é de assumi-la e desenvolvê-la com fidelidade e justiça (Lc 12.48; 1Co 4.2)

**Escatologia: céus e terra redimidos.** Como mencionado acima, a escatologia popularmente leva muitos cristãos a desconfiarem da agenda dos que defendem a responsabilidade socioambiental como missão da igreja. A ideia, geralmente não expressa, é “porque lutar pela salvação de um mundo que Deus reservou para destruição?” Mas, além da principal



argumento desta perspectiva se basear em uma interpretação equivocada de 2Pe 3, ela ignora as múltiplas referências bíblicas à redenção e à renovação do mundo (veja a elaboração abaixo nas categorias de soteriologia e pneumatologia). Olhando às Escrituras como uma meganarrativa, constata-se uma aliança com a criação toda mesmo depois da queda (Gn 9.1-2) que explicitamente promete irrevogavelmente a sua preservação (Gn 9.9-17; Is 55.12-13), exige ainda o cuidado humano (Êx 23.4-5; Lv 25.1-55; 26.3-4; Dt 20.19-20; 22.6; 25.4; Pv 12.10, Ez 34.18) e a reconciliação em Cristo (Cl 1.20), libertação por Deus (Rm 8.21) e renovação pelo Espírito (veja as próximas seções).

Apesar de controvertida popularmente, a escatologia bíblica encontra a sua importância na perspectiva bíblica não só pelo seu destaque no Novo Testamento, mas com a conclusão da meganarrativa das Escrituras. Ou seja, a Bíblia começa e termina não com a incumbência e salvação da humanidade, e sim, com a criação dos céus e da terra e o surgimento de novo céu e nova terra. Este é o enredo controlador das Escrituras do qual o resto se deriva.

**Teologia propriamente dita: a natureza de Deus.** Também da protologia decorre a teologia propriamente dita. Já adiantamos o assunto acima. Destacam-se a identidade de Deus como criador de todas as coisas e o seu relacionamento com as mesmas que (panenteísmo), por sua vez, o louvam e revelam a sua glória. O que não comentamos é o seu carácter essencial, nem tanto em termos das categorias tradicionais da teologia sistemática de onipresença, onipotência e onisciência, mas em termos da teologia bíblica que ressalta a sua justiça e a sua compaixão/misericórdia e as características derivadas de redenção, reconciliação e graça. O discurso é especialmente relevante à justiça climática, pois ao se revelar como Deus justo, encarrega a humanidade, sua representante, a manifestar fundamentalmente o mesmo. Refletir a imagem de Deus, e como cristãos, a imagem de Cristo, é fundamentalmente viver pelos princípios bíblicos e defendê-los pela justiça. Também é importante ressaltar que na teologia a justiça e a piedade não são planos paralelos. Ao invés disto, a salvação e a conseqüente vida piedosa tem como a sua base o conceito bíblico de justiça (mishpat) e de compaixão (chesed). E o destino da criação se define pela justiça de Deus (1Cr 16.33). O que nos leva a considerar a próxima categoria de soteriologia.

**Soteriologia: a redenção de todas as coisas em Cristo.** Da mesma forma que os papéis de criador e redentor de Deus são correlacionados ao longo das Escrituras Hebraicas (Sl 95; 96.11-13; Is 11.1-9; Jr 12.1-4, 10-13; Mt 10.29-31 // Lc 12.24), o mesmo ocorre com Cristo (Mt 28.18; Jo 1.1-3; 3.16-17; 1Co 8.6; Cl 1.16-17; compare Pv 8.12-36). E a abrangência da eficácia da sua redenção ultrapassa a humanidade atingindo a criação toda (1Co 15.23-28; Ef 1.10; Fp 2.6-11; Cl 1.20; Hb 2.8). Este propósito da redenção em Cristo para “todas as coisas” é grandemente desconhecido ou ignorado, em favor de uma visão da salvação pessoal para a humanidade. A visão mais estreita de redenção, junto com uma escatologia de destruição, desemboca em uma visão missionária da igreja largamente popular... de um barco navegando por um dilúvio destruidor com a tarefa de resgatar alguns poucos do desastre iminente para uma eternidade não material.

Mas qual é, então a perspectiva bíblica da missão da igreja em relação a responsabilidade socioambiental?

**Eclesiologia e Ética.** Como dito acima, o conceito da missão salvífica da igreja depende do conceito anterior da justiça e compaixão de Deus, que são temas bem desenvolvidos nas Escrituras Hebraicas. E é justamente pela veia da justiça que a igreja se relaciona com os céus e a terra. Se atualmente é tarefa de Cristo “sujeitar” e “fazer convergir nele” todas as coisas (Ef 1.10; 1Co 15.23-28; Hb 2.8) isto ocorre em parceria com a igreja (Ef 1.22-23; 3.10) que é uma tarefa que se entende em termos do estabelecimento da justiça socioambiental (2Cr 7.14; Is 1.17; Os 4.1, 3; Mq 6.8; Zc 7.9-10; Mt 25.31-46; Mc 12.30-31 // Lc 10.25-37; Rm 12.15-18; 1Co 16.14; 1Jo 3.17-18).

O vínculo é especialmente claro em Romanos 8.18-25 onde Paulo afirma que a ressurreição corporal é a esperança (garantida) da esperança de toda a criação que aguarda a sua redenção (já que os corpos dos crentes participam da criação!). O mesmo está latente na afirmação que “se alguém está em Cristo, é nova criatura (a mesma palavra para “criação”); as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5.17). Ou

**SE ALGUÉM ESTÁ EM  
CRISTO, É NOVA  
CRIATURA  
AS COISAS ANTIGAS  
JÁ PASSARAM; EIS  
QUE SE FIZERAM  
NOVAS” (2CO 5.17)**

seja, a promessa da justiça socioambiental já está “adiantada” na ressurreição corporal dos que creem e “evidenciada” pela vinda do Espírito nas suas vidas (Rm 8.23) que por sua vez, se manifesta em conduta caracterizada pela justiça (Gl 5.22-25). E assim, tornemos a nossa atenção para a pneumatologia.

**Pneumatologia: a renovação da criação pelo Espírito Santo.** O e/Espírito ou sopro de Deus aparece já no início dos primeiros dois relatos da criação como o meio (ou pessoa, se preferir) pelo qual Deus realiza a sua criação de tudo (Gn 1.1-2), inclusive da humanidade (2.7). E é aquele que capacita o povo para realizar a sua tarefa (Êx 31.3, 31; Nm 11.17, 25-26; Jz 3.10; 6.34 e assim em diante). O seu papel é de criar e renovar ou recriar (Sl 104.30), o que se manifesta especialmente no Novo Testamento em termos de novo nascimento (Jo 3.5-8) e introdução na vida cristão (At 1.5-8; Rm 8.11). Por isso, o Espírito é vinculado também à redenção da criação toda (Rm 8.26ss). E por isso, no fim, quando o céu se reunir à terra (Ap 21.1-2), dirá a todos que ouvirem, “– Vem! Aquele que ouve, diga: – Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.” A promessa de justiça última em um mundo caracterizado pelo padrão bíblico de igualdade e justiça em um “céu” já aterrissado e incorporado, um mundo pelo qual somos chamados a labutar pela evangelização.

# ESTRATÉGIAS PARA A ADVOCACIA DA RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

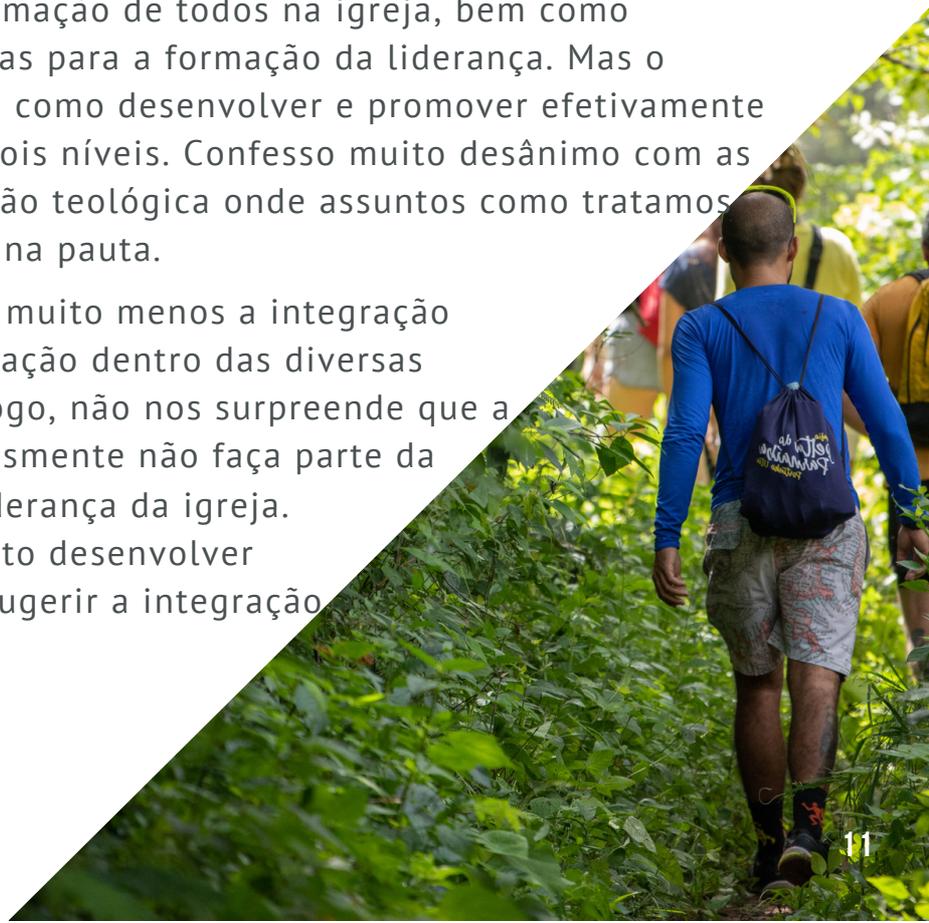
Em termos de *conteúdo*, entre as sete categorias teológicas mencionadas acima, a mais forte e mais trabalhada é a protologia, a teologia da criação. Alguns já reclamam que, com tal ênfase, o perigo da coisificação da criação ainda é preocupante. Entretanto, é preciso começar com a protologia por dois motivos: primeiro, é onde a meganarrativa das Escrituras começa e termina, assim se estabelecendo como o seu enredo mestre; e segundo, porque as demais categorias logicamente decorrem desta. Mas o que falta ainda na literatura cristã de todas as persuasões talvez com a exceção dos escritos do Leonardo Boff, é o desenvolvimento

do panteísmo bíblico que mostra mais intimamente a relação da criação com o Criador, sem fundir os dois em um panteísmo. Uma visão mais aguda da personificação da criação como “seres” vivos que louvam, adoram e batem palmas a Deus, poderia aumentar muito mais a sua valorização pela humanidade, especialmente por aqueles que reconhecem e também louvam a Deus. Demandaria sua participação bem mais dentro das nossas liturgias, ou quiçá, as nossas liturgias dentro do seu meio como vimos nos Salmos. De todas as categorias teológicas, acredito que esta é a mais fraca e subdesenvolvida justamente pela nossa cosmovisão ocidental tecnológica e utilitária.

Em termos de *comunicação*, talvez eu tenha pouco a contribuir de novidade. O engajamento continua essencial: em termos políticos e em termos pessoais. Apenas reparo um tipo de engajamento pouco ressaltado, mas talvez mais latino-americano é o engajamento por meio no *envolvimento corporal* com aquilo que estamos defendendo: passeios e trilhas pela criação de Deus, magníficos e ainda um pouco injustiçados ao nosso redor, e igualmente passeios e envolvimento em lugares e entre grupos humanos atingidos pela injustiça climática. Envolvimento corporal, racional e emotivo. Sensibilização.

Em termos de educação, a igreja na sua maioria, continua efetivamente aquém de uma prática efetiva com a responsabilidade socioambiental. As exceções são tímidas e quase sempre, ingênuas. Existe material tanto para crianças e adultos na formação de todos na igreja, bem como excelentes reflexões teológicas para a formação da liderança. Mas o problema maior é estrutural... como desenvolver e promover efetivamente programas de educação nos dois níveis. Confesso muito desânimo com as minhas andanças pela educação teológica onde assuntos como tratamos aqui simplesmente não estão na pauta.

Não existe nenhuma matéria, muito menos a integração (transversalidade) da preocupação dentro das diversas disciplinas dos seminários. Logo, não nos surpreende que a justiça socioambiental simplesmente não faça parte da agenda de preocupação da liderança da igreja. Precisamos urgentemente tanto desenvolver disciplinas relevantes como sugerir a integração





destas preocupações nos estudos da história da igreja, na teologia e na prática ministerial. Logo, urge estabelecer parcerias com pedagogos ambientais com conhecimento teológico para estabelecer estas fontes.

Finalmente, precisamos gastar muito esforço no desenvolvimento de redes em todos os níveis: redes com organizações eclesiais, religiosas e seculares com quem é possível trabalhar, e redes com grupos de bases nos bairros e com indivíduos. Assim serão possíveis posteriormente ações de colaboração que alcancem mais pessoas.

## REFERÊNCIAS

[1] Classificamos como “igrejas históricas” aquelas que definem a sua identidade com base em igrejas evangélicas anteriores ao século XX.

[2] Public Religion Research Institute / American Academy of Religion, National Survey on Religion, Values, and Climate Survey, novembro 2014 (notícias sobre o evento: <https://www.ppri.org/event/ppri-to-release-national-survey-on-religion-values-and-climate-change-at-aar-2014-annual-meeting/> e a própria pesquisa: <https://www.ppri.org/wp-content/uploads/2014/11/Climate-Change-2014-Topline-FINAL1-1.pdf>).

[3] Os principais proponentes da perspectiva escatológica da destruição do planeta nos “últimos dias” são: LINDSEY, Hal The Late Great Planet Earth, Grand Rapids: Zondervan, 1970; LAHAYE, Tim and JENKINS, Jerry B. Left Behind. uma série de livros. Carol Stream: Tyndale, 1995-2007.

[4] Para uma explicação das passagens que falam de destruição (2 Pedro 3.17-12; Hebreus 1.10) e a elaboração de muitas outras passagens que falam de redenção do planeta, veja CARRIKER, Timóteo. Teologia bíblica de criação. Passado, Presente e futuro. Série: Um livro, uma causa. Viçosa: Ultimato, 2014. Edição eletrônica (E-Book) no [www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br); STAM, Juan. As boas novas da criação. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

[5] Romanos 8.18-25, pela a referência à criação ao invés de nova criação, deixa claro que Paulo visa a redenção do mundo atual e não a sua substituição.

[6] Adão (adam), além de nome próprio, significa “homem” no sentido de “humanidade”.

## OBRAS CITADAS:

Public Religion Research Institute / American Academy of Religion, National Survey on Religion, Values, and Climate Survey, November 2014 (notícias sobre o evento: <https://www.ppri.org/event/ppri-to-release-national-survey-on-religion-values-and-climate-change-at-aar-2014-annual-meeting/> e a própria pesquisa: <https://www.ppri.org/wp-content/uploads/2014/11/Climate-Change-2014-Topline-FINAL1-1.pdf>).

CARRIKER, Tim. “Environment-Creation Care, Christian Responses to,” in Mark A. Lamport, ed., *Encyclopedia of Christianity in the Global South*. 2 volumes. Rowman & Littlefield: Lanham, 2018

Teologia bíblica de criação. Passado, Presente e futuro. Série: Um livro, uma causa. Viçosa: Ultimato, 2014. Edição eletrônica (E-Book) no [www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

“Our God is Green. The Biblical Theology of Earthcare” in *Creation Care in Christian, Regnum Edinburgh Centenary Series*. Volume 29. Kanya J. Kaoma, ed. Regnum Books International: Oxford, 2015. pp. 254-265

SCHAEFFER, Francis A. *Pollution and the Death of Man: The Christian View of Ecology*. Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1970.

STAM, Juan. *As boas novas da criação*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

WERNER, Dietrich e Elisabeth JEGLITZKA, ed.s. *Eco-theology, Climate Justice and Food Security. Theological Education and Christian Leadership Development*. Geneva: Globethics.net, 2016.

WHITE Jr., Lynn. The historical roots of our ecologic crisis. *Science* 155(3767): 1203-1207. 1967.

(<http://www.sciencemag.org/content/155/3767/1203>).

ZALEHA, Bernard Daley e Andrew SZASZ. “Why conservative Christians don’t believe in climate change.” in *Bulletin of the Atomic Scientists* 2015, Vol. 71(5) 19–30 (<http://thebulletin.sagepub.com>).